

Informação e subjetividade no trabalho contemporâneo. Estudo de caso no setor eletroeletrônico de Minas Gerais*

Nos anos 90, as transformações na base técnica dos processos de trabalho ganharam força exponencial quando os sistemas sócio-técnico-produtivos, em diferentes ramos industriais, passaram a associar o uso de equipamentos de base microeletrônica às telecomunicações, gerando as tecnologias da informação – TIs. Com essas mudanças ocorreram, na organização do trabalho, inovações na gestão de pessoas. O discurso das organizações começa a convocar um trabalhador que, de mão-de-obra, passe a pensar, criar, inovar, participar da empresa-fábrica com sua força física (habilidade) e seu pensamento (competência e inteligência). Passa-se a focalizar, através das novas tecnologias de gestão, o trabalho subjetivo da “criatividade”, a “atividade subjetivante” (Dejours, 1992). Esse homem trabalhador, inteiro no trabalho, de corpo e alma, tornou-se o ideal perseguido pelas organizações e objeto de sedução do trabalhador, no logro do sistema imaginário produzido nas tramas simbólica e cultural da organização-empresa (Enriquez, 1968, 1997).

Diversos têm sido os termos utilizados para denominar a transição pela qual passam a sociedade contemporânea e o mundo do trabalho, quando a análise tende a apreender as mudanças macroeconômicas e macrossociais. Alguns autores falam de um novo paradigma tecn-econômico (Perez, 1984; Lastres, 1999). Para outros, trata-se de um novo ciclo no sistema capitalista (Vargas, 1998; Mattoso, 1995), marcado pela modernização conservadora e a insegurança no trabalho. Fala-se ainda do surgimento de uma nova economia, na qual informação e conhecimento ganham relevância estratégica para a competitividade empresarial (Castells, 1999; Dantas, 1984, 1999; Lastres, 1994, 1999; Possas, 1997). O contexto do mundo do trabalho pode ser assim evidenciado: o investimento no setor produtivo desloca-se para aplicações financeiras; o setor fabril atravessa um processo de diluição (desconstrução?) da fabricação para redes de empresas, sustentadas pela terceirização e subcontratação de mão-de-obra; o trabalho de transformação passa a assumir, cada vez mais, o caráter de trabalho de manipulação de informação.

* Autora: Patrícia Pinto de Paula; Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Helena Tarchi Crivellari; Co-orientador: Prof. Dr. Ricardo Augusto Alves de Carvalho – PPGCI/UFMG.

Através de estudo de caso em uma tradicional empresa fabril do setor eletroeletrônico, de 70 anos de existência, a pesquisa recorreu ao método qualitativo para acompanhar a historicidade das mudanças ocorridas na base técnica do processo produtivo daquela fábrica, bem como as transformações operadas na organização do trabalho, a partir da assimilação de novas técnicas de gerenciamento e controle dos trabalhadores. Para tal, recorreu-se à observação de campo e a entrevistas com grupos de trabalhadores de linha de montagem, gerentes e engenheiros de pesquisa e desenvolvimento (P&D). Nosso objetivo era recuperar o histórico dessas mudanças, nelas verificando o papel da informação, do taylorismo, até o atual contexto sócio-técnico-produtivo, pautado na inovação e, portanto, na geração de conhecimentos. Ficou evidenciada maior demanda por um trabalho do pensamento, da interpretação de signos, da capacidade perceptiva e criativa de transformar dados em informação, produzir novos sentidos e, por conseguinte, transformar informação em conhecimento. Esse trabalho depende diretamente da atividade humana, da subjetividade do trabalhador, posta, por essa via, como elemento de performance da produção.

Neste estudo verificou-se que a informação e o conhecimento tornam-se força produtiva. Isso decorre da mutação do processo produtivo advinda da incorporação das TIs, que possibilitaram a flexibilização na esfera da virtualização do processo produtivo, tornando-o apto às mudanças, de acordo com as alterações de demanda mercadológica, e permitindo o produto flexível em elevada potência. Assim, a demanda ao trabalhador é de uma atenção contínua para o inesperado, o imprevisto, tarefa de lidar cada vez mais com o inusitado e manipular mais signos, em detrimento do trabalho de transformação de matéria-prima concreta. Trabalho que seguirá, na medida em que o pensamento, a atenção, a criação estiverem voltados para novas soluções. É a subjetividade que entra em cena, do escritório de P&D ao chão de fábrica: elemento de performance da produção e da qualidade.

Abriu-se uma questão crucial para a análise: por um lado, as novas tecnologias de gestão traduzem novos arranjos nos processos de trabalho em busca de flexibilização para atender “sob medida” às exigências mutantes do mercado. Por outro lado, estariam ocorrendo mudanças na relação do trabalhador com o trabalho, quanto ao significado que o trabalho passa a ter para um determinado coletivo de trabalhadores? Dito de outra forma: com a “desmaterialização” do trabalho (Dantas, 1996, 1999), com a nova norma de acumulação pautada em inovações (Perez, 1984) e, por consequência, com o trabalho a demandar uma “atividade subjetivante” (Dejours, 1992) do trabalhador, haveria um reposicionamento do indivíduo frente ao resultado do seu trabalho. Seria esse reposicionamento decorrente de uma situação de trabalho que, simultaneamente, instigá-lo-ia à produção de conhecimentos também sobre si?

A conclusão a que pudemos chegar aponta para as inter-relações entre o processo de trabalho e o avanço das tecnologias (incluindo as novas tecnologias de gestão), reconhecendo-se a contribuição que estas representam no mundo contemporâneo. Podemos dizer que as TIs aliviam o esforço do trabalho físico. Na mesma proporção, sua incorporação ao sistema técnico-produtivo demanda um trabalho mental contínuo, e colocar o pensamento em atividade diante da tarefa significa estar colocando a subjetividade a serviço da produtividade: o “uso de si” (Schwartz, 1992) em trabalho coloca-nos diante de uma nova sobrecarga posta ao trabalhador na produção fabril contemporânea, uma sobrecarga mental, cognitiva, que também apela ao afetivo – “ser efetivo e reconhecido é ser criativo”.

Foi possível vislumbrar que o trabalho contemporâneo sobrecarrega o trabalhador em sua execução e no pensar sobre esta. Em contrapartida, sabe-se que o pensamento constante-

mente incitado em todos os níveis hierárquicos da fábrica aponta que as tentativas de controle sobre o trabalho tornam-se da ordem do inapreensível: como controlar o que hoje torna-se matéria-prima da produção – o pensamento que gera conhecimentos? Nesse sentido, podemos estar diante de uma mutação que, desta vez, parece dar-se pela via das necessidades colocadas pelo próprio trabalho.

Ao convocar conhecimentos e inovações do trabalhador, novos (e outros) sentidos concorrem para além dos sistemas de produção, pois, ao decifrar um enigma no sistema técnico-produtivo, o trabalhador não se decifra também como indivíduo produtor de saberes?

Diante do cenário traçado, buscou-se, se não responder, pelo menos provocar futuras discussões sobre o papel da Psicologia do Trabalho e da Ciência da Informação quanto às possibilidades de uma análise crítica que aponte para além da instrumentalização das demandas colocadas pelos “ditames do mercado” acerca de novas tecnologias de gestão. Sabemos que o mundo do trabalho, além de reproduzir o capital, viabiliza a formação de identidade e a manutenção de laços sociais dos indivíduos consigo mesmos e com o mundo, numa construção interdependente e contínua. É possível constatar, com a convocação da subjetividade no chão da fábrica, que não estamos diante da “humanização” do mundo do trabalho, mas de um modelo de trabalho que amplia suas demandas sem oferecer um correspondente retorno aos que lhe dedicam seus esforços. A “injunção paradoxal” entre capital e trabalho, em última instância, permanece, agora em condições tecnológicas com base nas TIs de expandir-se a patamar mundial, nas relações entre a matriz de empresas transnacionais e suas parceiras localizadas no Terceiro Mundo. Trata-se de uma espécie de “taylorização globalizada” da produção de conhecimentos. Por mais paradoxal que possa parecer, o trabalho humano continua na centralidade do processo produtivo.